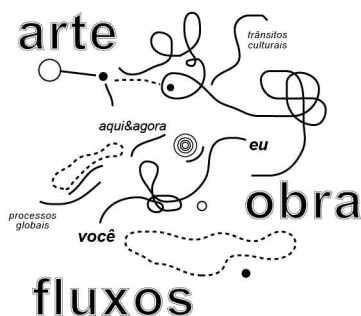




O LIVRO EXPERIMENTAL: UMA OBSERVAÇÃO SOBRE A FORMA NA OBRA DE WALTERCIO CALDAS

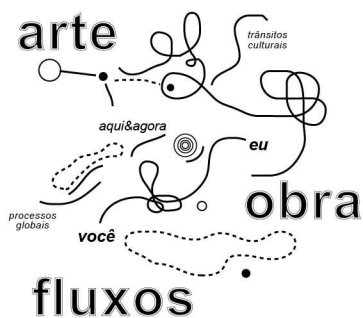
Gilton Monteiro dos Santos Jr.

PUC – RJ (DOUTORANDO)

“A imagem realiza a autonomia da palavra, haja vista o que não há”. É esta uma das passagens mais instigantes de “Frases sólidas”, obra assinada por Waltercio Caldas. Apesar de sua singularidade, a passagem não soaria estranha aos ouvidos de um observador atento à sua produção. Como se sabe já na década de 1970 Waltercio apresentava uma investigação ocupada com a relação entre o visível e o legível. Fato, porém, é que desde esse momento o artista vem dando vida a uma obra de intenso refinamento no que toca à natureza e relação entre palavra e imagem. Obra concebida naquele espírito de época, seu livro “Manual da Ciência Popular” não fugiria à regra.

Em suas páginas o artista articulava uma situação precisa, onde nossos sentidos perdiam as âncoras referenciais, deslizando entre as superfícies daqueles aparelhos. Apagando os esquemas de entendimento, cada uma das peças apresentadas no livro dissolve a nitidez de nossos sentidos.

Se em uma situação específica, a brasileira, o suporte-livro assume importância capital no processo de institucionalização e construção de uma episteme para nossa arte, nada mais natural que esse espaço viesse a ser questionado por certos artistas. Contrário a toda propedêutica, o “Manual” dispara espécies de sinais sem fundo, conservando a perplexidade que o sustenta. Concebida a partir da



XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

mobilização de objetos os mais corriqueiros, presentes à revelia em nosso ambiente social, a obra resiste a toda imantação cultural: sua imagem repele a extensão imediata da vida configurando situações-específicas, irredutível a qualquer causalidade.

Nossa proposta se apóia sobre o problema do suporte-livro, tal qual se apresenta na produção em questão. Se ali a forma-livro abre um abismo entre o produto e a fala cultural que deveria assumi-lo, é porque não mais se distingue livro e obra. É esse trâmite e tensão entre um elemento ordinário e a forma que dele surge, que nos permite pensar o lugar da própria forma, que vêm sendo estigmatizada como estatuto típico da modernidade, e como tal soando estridente aos ouvidos anti-modernistas. É claro que depois de Adorno ninguém vai pensar na autonomia da arte tal qual um ente monádico, alienado das circunstâncias sociais de cuja estrutura a unidade das obras dependem. Decorrente das investidas experimentais ocasionadas pela inserção da arte no debate cultural nas décadas de 1960 e seguinte, o que se coloca é uma autonomia apoiada pela racionalidade específica que essas obras geram.

Waltercio Caldas, livro de arte, forma e autonomia